

# IMPROVISACÃO EM DANÇA: ESTÁGIO DOCENTE EM UMA TURMA DE ALUNOS DE TEATRO

Raquel Purper<sup>1</sup>; Prof. Dra. Silvia Balestreri Nunes

## Resumo

O estágio docente procurou introduzir procedimentos de composição coreográfica, a partir de improvisações e articulações poéticas entre corpo, movimento e criação. Foram sugeridas leituras para posterior discussão sobre textos que abordavam temas referentes à linguagem de dança. Houve a articulação de fundamentos gerais para a criação em dança, elaboração de propostas de jogos de improvisação como procedimento de criação coreográfica e experimentação da criação de cenas a partir de material proveniente das improvisações dos alunos. Foi feita uma avaliação global de cada aluno, considerando frequência, pontualidade, engajamento e disponibilidade para as atividades propostas, realização das leituras requisitadas e contribuição para os debates. Foi exigido um trabalho escrito em que o aluno realizou as suas conexões sobre o processo das aulas e os textos sugeridos para leitura. Houve finalização do processo desenvolvido em aula com uma apresentação dos alunos na Mostra do Grupo Experimental de Dança de Porto Alegre, no Teatro Renascença.

Palavras-chave: corpo; relação; composição coreográfica

## Introdução:

O estudo sobre composição coreográfica foi feito em função da improvisação. A improvisação em dança pode, muitas vezes, ser utilizada pelo coreógrafo como ferramenta de organização de seus movimentos que, depois, ele transforma em coreografia. Por outro lado, a improvisação em dança pode ser tomada como uma forma e não uma ferramenta de organização, podendo ser considerada, também, como um tipo de espetáculo e não somente como um meio de produzir material para coreografias. A proposta deste estágio docente consistiu em proporcionar aos alunos uma experiência de improvisação em dança, através de atividades individuais – trabalho com seu próprio corpo em movimento, com o objetivo de reconhecer a si mesmo – e trabalhos em grupo – buscando o improviso em contato com o outro, a fim de reconhecer o corpo do outro e perceber como se colocar em estado de jogo com o outro. O estágio em questão compreendeu a segunda parte da disciplina eletiva Laboratório Experimental de Teatro II, que foi ministrada por mim, com duração de 30 horas/aula, a partir de minha experiência pessoal e como integrante do Grupo Experimental de Dança de Porto Alegre.

Os objetivos da disciplina foram: proporcionar a leitura e a discussão de textos que abordavam temas referentes à linguagem de dança; articular fundamentos gerais para a criação em dança; elaborar propostas de jogos de improvisação como procedimento de criação coreográfica; experimentar a criação de cenas a partir de material proveniente das improvisações.

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: [raquelpurper@ibest.com.br](mailto:raquelpurper@ibest.com.br)

## Metodologia:

A metodologia aplicada está relacionada aos princípios coreográficos experimentados pela aluna dentro do Grupo Experimental de Dança de Porto Alegre. Faço parte do Grupo desde 2008 e também participei de dois processos de criação de espetáculo em dança contemporânea. Alguns dos procedimentos utilizados pelo coreógrafo do grupo, Airton Tomazzoni, para a elaboração dos espetáculos foram experimentados no estágio docente. Todas as aulas que ministrei tiveram seu início com um aquecimento baseado em uma seqüência de respiração, onde todos se colocavam em roda. Outro procedimento que utilizei, mais de uma vez, foi um exercício que envolvia a manipulação da cabeça. Este exercício acontecia em duplas, com um colega deitado e outro sentado perto da cabeça. O que estava sentado segurava a cabeça do que estava deitado, com muito cuidado e sutileza, e, assim, desenvolvia a manipulação da cabeça do colega. Trabalhei com princípios coreográficos que envolviam a respiração: respirar profundamente movimentando apenas a cabeça, os braços e o tronco. Houve também experimentos de coreografias em grupos, com o desenvolvimento de trajetórias no espaço. Cada aluno, improvisando a partir da respiração, dos movimentos de cabeça, braços e tronco realiza também uma indicada trajetória no espaço. Por exemplo: ele atravessa o palco em uma diagonal, atravessa o palco em uma linha reta ao fundo da cena, sai de um canto do palco, vai até o meio e volta ao lugar de origem, fica parado no mesmo lugar, entra na cena, realiza movimentos e sai de cena. Em um dos espetáculos do Grupo Experimental de Dança de POA, tínhamos duas coreografias que foram geradas a partir destes princípios. Chamamos uma de Grupo 1 e a outra de Grupo 2. Cada uma tem a sua própria música e as trajetórias que os dançarinos realizavam eram diferentes em cada uma, porém o princípio coreográfico permanecia o mesmo. Outro princípio coreográfico que utilizei foi o jogo do espelho, que consiste na imitação do colega. Um aluno faz um movimento e os demais copiam. Este procedimento foi usado tanto como aquecimento quanto como princípio de criação de coreografia. Começamos a pesquisar também a fragmentação de movimento, através de pesquisa de partitura fragmentada individual. Cada aluno deveria criar uma partitura fragmentada de quantos movimentos quisesse. A exigência era de que fosse fragmentada, ou seja, uma parte do corpo se move de cada vez e isto deveria ficar bem claro. Outro exercício importante foi o da respiração de olhos fechados, retomando a partitura individual fragmentada. Após ter ministrado as aulas do estágio, reuni-me com Daniela Aquino, que também desenvolveu seu estágio docente junto à turma, para criarmos a apresentação final dos alunos. A cena teve como base princípios desenvolvidos por ambas. Experimentamos algumas idéias e formatamos uma apresentação de quinze minutos. Ela aconteceu no dia 13 de dezembro de 2009, no Teatro Renascença, dentro da Mostra de Dança do Grupo Experimental de Dança de Porto Alegre. Também realizamos o fechamento da disciplina, propondo uma avaliação verbal, uma conversa sobre o estágio entre os alunos, as duas professoras que ministraram o estágio docente e a orientadora responsável. Neste dia, os alunos entregaram o trabalho escrito que foi solicitado anteriormente.

## Resultado e discussões:

Eu e Daniela Aquino nos reunimos e fizemos um roteiro para a apresentação. Decidimos testar no dia 30 de novembro, em aula. A primeira cena consistia em movimentos retos e diretos feitos em seqüência acompanhados de contagem de um a oito. Após testar algumas vezes, decidimos que a cena deveria ser retirada, pois os alunos estavam com dificuldades na manutenção do ritmo da contagem. Sabíamos que tínhamos mais material para utilizar na montagem da cena para a apresentação. As outras cenas que tínhamos pensado foram mantidas. Trocamos apenas a ordem de execução. Ao total, ficaram cinco cenas que, ao todo, duravam quinze minutos. Dia 13 de dezembro aconteceu a apresentação final no Teatro

Renascença. Conseguimos fazer dois ensaios antes da apresentação. Isso foi ótimo, pois precisávamos que os alunos se apropriassem daquele espaço desconhecido. Eles conseguiram se adaptar rapidamente ao espaço e aproveitá-lo também. O que me chamou a atenção foi que eu e Daniela sugerimos pequenas modificações na última passagem, que deveriam ser adotadas na hora da apresentação. Todas as sugestões foram ouvidas e aplicadas no momento da cena. A escuta dos alunos estava muito aguçada. A apresentação foi ótima. Os alunos estavam seguros em cena. Ocuparam o espaço de forma inteligente e estavam atentos uns aos outros o tempo todo.

#### Conclusão:

Transmitir princípios coreográficos a outras pessoas e observar o que acontece em outros corpos é uma experiência completamente diferente de, simplesmente, experimentar tais princípios no próprio corpo. Acredito que o estágio docente, antes de tudo, permitiu esta experiência: a de transmitir um conhecimento sem pré-julgamentos. Apresentar, disponibilizar os elementos para a criação sem expectativa do que vai acontecer exatamente. É aí que reside também o conceito de improvisação. Como falei no início, podemos trabalhar com o improviso com o intuito de formalizar alguma coisa depois, ou então, utilizar a improvisação como forma de um espetáculo. No caso do estágio docente, foram usados os dois procedimentos. Formalizou-se uma montagem, mas foram deixados alguns pontos em aberto, para que os alunos pudessem fazer uso da improvisação mesmo na hora da apresentação. A idéia de valorizar o processo de criação também apareceu durante o estágio. Cada aula, cada momento era precioso. Não sabíamos que teríamos uma cena montada ao final do estágio. E, devido ao processo em si, ela aconteceu. Percebeu-se que havia material para a construção de alguma coisa: material humano e material coreográfico. A disponibilidade e vontade dos alunos foram essenciais. Sua dedicação foi imprescindível: eles aceitavam as propostas e estavam abertos à experimentação. Pude observar que alguns alunos superaram seus limites, principalmente em exercícios que exigiam confiança no outro colega. Quando apareceu a oportunidade de uma apresentação pública, a reação dos alunos foi surpreendente. Todos queriam participar de qualquer jeito. Isso refletiu totalmente no resultado final apresentado. A vontade que eles tinham de estar no palco transpareceu para a platéia. Os alunos estavam seguros em cena e conseguiram se divertir, que era um dos propósitos ao incentivar esta apresentação pública.

Esta experiência de improvisação em dança, dentro de um curso de graduação em Teatro, com alunos que buscam se formar atores tem um valor único. Os próprios alunos manifestaram que a percepção do corpo foi expandida, tanto na compreensão do seu corpo individual quanto em relação ao corpo do outro. Outro fator levantado por eles foi o aumento da noção espacial, pois as improvisações – que, geralmente, eram propostas a partir de movimentos bastante dinâmicos – exigiam uma maior consciência de corpo e de espaço.

No meu projeto de mestrado, procuro compreender as relações entre o coreógrafo e o dançarino em um processo de criação em dança contemporânea. No Grupo Experimental, eu atuo como dançarina e desenvolvo a investigação através deste ponto de vista. No estágio, pude atuar como coreógrafa. A experiência de ser diretora eu já havia vivido inúmeras vezes, pois sou formada em Direção Teatral, mas a de coreógrafa não. A experiência vivida no estágio docente foi importante para a minha pesquisa, por poder estar atuando do outro ponto de vista também. Já que me proponho a compreender que papel cada um destes artistas desempenha dentro de um processo de criação, o fato de ter vivenciado o outro lado contribuiu para enriquecer minha percepção das relações entre coreógrafo e dançarino neste tipo de proposta.

